



Ânfora
de Sol

Ânforas de Sol

Copyright ©2010 Giselda Medeiros

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

PROJETO GRÁFICO E CAPA

carlosalberto.adantas@gmail.com

REVISÃO

Giselda Medeiros

IMPRESSÃO

RDS Gráfica e Editora Ltda

E-mail: rds-editora@veloxmail.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M256a Medeiros, Giselda
Ânfora de Sol / Giselda Medeiros. – RDS, 2010.

ISBN 978-85-7997-020-7

1. Literatura Brasileira, Poesia I. Título.

CDD. 370.1

Ânfora de Sol



Giselda Medeiros

Prêmio Lúcia Fernandes Martins de Poesia

Fortaleza
2010

À memória de minha
inesquecível mãe,
Ânfora de Sol,
em todos os meus dias.

À memória de meu pai,
que, ao transpor o Grande Rio,
ensinou-me como transformar
a dor em poesia.

Aos meus amados irmãos
Hélder, Carminha, Fátima e Fleurilene.

Aos queridos sobrinhos, cunhados e primos.

À família da escritora Lúcia Fernandes Martins.

Para

Artur Eduardo Benevides
Linhares Filho
Neide Azevedo Lopes
Sérgio Macedo
Zenaide Braga Marçal

*Como as espigas
as lições também apodrecem
no esquecimento das colheitas.*

José Costa Matos
(2/3/2010)

*Na tua ausência, ao meu lado
em cima da nossa mesa,
o candelabro apagado
conserva a saudade acesa!*

Aloísio Alves da Costa
(24/2/2010)

Para eles a minha inefável saudade.

SUMÁRIO

LEITURA DE ÂNFORA DE SOL

Linhares Filho 17

LIÇÕES DE LÁGRIMAS E DE ESPINHOS

O AZUL SILENCIOSO DOS ESPINHOS EM TRÊS MOVIMENTOS.... 29

 Movimento 1 29

 Movimento 2 30

 Movimento 3 31

EM LINHO E SEDAS..... 32

SOLO DE FLAUTAS 33

CAMINHOS 34

INSANIDADE 36

INSTABILIDADE 37

DOCE BRISA DE CRISTAL..... 39

QUISERA..... 40

INSTANTE AO ESPELHO..... 41

CONTEMPLAÇÃO..... 42

SÓ EU E A NOITE..... 43

RIO AZUL 44

ADORMECER... ADORMECER... 45

DEIXAREI QUE ME BUSQUES 46

PAISAGEM ONÍRICA..... 48

ENIGMAS..... 50

HISTÓRIAS 51

LIÇÕES DE ENCANTAMENTO E DE LOUVOR

INTEMERIDADES	57
NUVEM DE SÂNDALO	58
ESPELHOS	59
INCREULIDADE	60
O BRINDE	61
HORAS LÍQUIDAS	62
CONTEÚDO E CONTINENTE	63
VERSOS EM CORES	65
MIRAGEM	66
CANÇÃO-OFERENDA	67
ARAUTO DO BEM	69
VIVER O AMOR	70
PÉTALAS EM VERSOS	71
CANÇÃO ALVISSAREIRA	72
MADRUGADAS E CREPÚSCULOS	73
ESPERAS AZUIS	74
INDECIFRÁVEL	75
ENTRE ANSEIOS E DESVELO	76

LIÇÕES DE DOR E DE SILÊNCIO

A GEOMETRIA DO ADEUS	81
ESTRELA D'ALVA	82
INEXORABILIDADE	83
A UM POETA QUE SE FEZ ESTRELA	84
A TRAVESSIA	85
MAR INTERIOR	86
CANÇÃO EXTRAVIADA	87
VISÕES	89
REVERSO	90
RÉQUIEM PARA CÉSAR COELHO	91
CANÇÃO PÓSTUMA PARA BEBETO	93

LIÇÕES DE MUITO AMAR

A VISITA	99
INFINITUDE	100
DUPLA REALEZA	101
O ENCONTRO DAS MÃOS	102
CANÇÃO PARA O TEU PENSAMENTO	103
DOAÇÃO	105
CANÇÃO DO AMOR QUASE TARDIO	106
SONATA AO LUAR	108
SEM PALAVRAS	109
DEUSES DO SONHO	110
CÂNTICO OUTONAL	111
CANÇÃO QUASE TUA	112
O ENCONTRO	113
GAIVOTA	114
MENSAGEM	115

LIÇÕES DE SOLIDÃO — MOTIVOS

MOTIVOS	121
I	121
II	122
III	123
IV	124
V	125
VI	126
VII	127
VIII	128
IX	129
X	130
XI	131
XII	132

XIII	133
XIV	134
XV	135
XVI	136
XVII	137
XVIII	138
XIX	139
XX	140

LIÇÕES DE ROSAS E DE ESTRELAS

POESIA E CANTO	145
AVE E VOO	146
CIÊNCIA E AMOR	147
POEMA-CRISTAL	148
VERDES ESTRELAS	149
DOÇURA	150
CANÇÃO DA BENQUERENÇA	151

LEITURA DE ÂNFORA DE SOL

Linhares Filho

Em *Ânfora de Sol* a poetisa Giselda Medeiros não só confirma a legitimidade artística de sua poesia, já alcançada em livros como *Alma Liberta* (1986), *Transparências* (1989), *Cantos Circunstanciais* (1996) e *Tempo das Esperas* (2000), mas aprimora seus dotes de criadora e aprofunda sua mensagem, dotando os versos de requintes de maior expressividade e os poemas de maior força de convencimento e emoção. Isso ocorre apesar de, no presente livro, a autora desenvolver quase um só sentimento, o da solidão postulante ou da ansiosa disponibilidade para um ser amado sempre esperado e que, embora lhe alimentando a paixão, foge e refoge constantemente.

Inclinando-se para a elegia, a poesia de Giselda Medeiros segue a linha do sofrimento amoroso de uma Florbela Espanca e lembra em alguns aspectos a suavidade do poetar de uma Cecília Meireles, mas sempre mostrando a necessária criatividade, portando uma imagística criativa e impregnando-se de uma sensualidade entre contida e instigante. Encontra-se nessa poesia a construção de um “claro enigma”, em que o hermético não se instaura, pois a autora acena com pistas clarificadoras de um sentido subjetivo. A dor causada por adversidades opõe-se, entre os versos, ao prazer amoroso, sempre implícito, pois esse apenas se vislumbra como desejo tormentosamente irrealizado.

A linguagem dos poemas apresenta-se, em geral, verdadeiramente poética, deixando transparecer um eu lírico amadurecido no domínio artístico e na experiência existencial. Na construção dos versos encontra-se aquela riqueza conotativa que Paul Valéry classifica como “festa do intelecto”, mas de modo que a consciência apolínea do fazer artístico não elimina a força da intuição nem anula a possibilidade de detectar-se, aqui e ali, a presença do onírico e do simbólico em camadas mais profundas da escritura esporadicamente tuteladas pelo dionisíaco. Disso tudo se apura uma visão do mundo formadora de um estilo, cujas palavras recorrentes seriam as seguintes: “medo”, “silêncio”, “azul”, “paisagem”, “espelho”, “espinho” e “miragem”. Esses *Leitmotive* revelam, respectivamente, contenção, distância inacessível, contemplação do ambiente, reflexão sobre si mesma, dor moral e desejo ilusório.

A disponibilidade amorosa no livro encontra-se a partir do título *Ânfora de Sol*, sintagma altamente expressivo, espalha-se por muitos textos, fixando-se de modo mais significativo em pontos como na última estrofe de “Instabilidade”, em que a poetisa sente-se “o porto, a chegada final, / que espera em vão / o assentamento da âncora / dos teus andarilhos passos”; no poema “Deixarei que me busques”, em que o amado é esperado “como um cão a farejar-me / o exercício dos dedos / ardendo em círios de desejos”; no soneto “Doação”, em que a autora, em seu “crisol”, deseja “aprisionar-te o gesto de carinho / com que te vi olhar o passarinho / a voejar por sobre o girassol”; e na composição “Deuses do sonho”, em que, sob um clamor à Cecília Meireles, escreve: “Apressa-te, pois, amor, / que amanhã já é inverno”. Esse último poema citado termina com a pretensão poética de, por sentirem-se endeusados, os amantes atingirem a singularidade no amor: “seremos

deuses do sonho / que os homens tolos da terra / vivem doidamente a imitar.”

Não admira que, revelando-se Giselda Medeiros uma poetisa com domínio pleno da técnica da arte poética, apresente em sua poesia uma abundância de conotações e de alusões mitológicas e de textos metapoemáticos, tudo dentro de uma coerência de dicção e sentimentos atuais. Assim é que “Madrugadas e Crepúsculos”, parecendo a leitura de quadros representativos dessas situações da Natureza, constitui uma sucessão de apóstrofes prosopopéicas, e vários poemas são alegorias como: “História”, “Nuvem de Sândalo”, “Horas Líquidas”, “Cântico Outonal” e “Motivo III”. Como metapoemas, textos que mais precisamente mostram consciência do fazer poético, contam-se “Conteúdo e Continente”, “Canção Extraviada” e “Canção Póstuma”, além de vários textos da parte denominada “Lições de Solidão”, que trazem o subtítulo de “Motivos”.

Destaquem-se alguns poemas. Concepção extraordinária a de “Miragem”, poema ilustrado com delicadas sugestões sensuais. Compreende-se que miragem é o amado e o que a amada sente dele. Tudo como expressão de uma ânsia de ser carente, que fantasia relacionamentos e consequências amorosas. O eu lírico da autora sente-se despersonalizado (“sem mim”) por ser absorvido ilusoriamente pelo ser amado, que “foi-se alojando / no espaço acetinado de carmim”, e depois a poetisa requer ao amado o encontro de si mesma, a integração de si e mais: a elevação de si (“deusa”), mas através do beijo e do sentir-se amada: “Só uma cousa, amor, eu mais almejo: / ama-me muito, faz-me tua amada, / para que deusa eu surja do teu beijo”.

Ressalte-se em “Canção-Oferenda” a delicadeza dos versos, a insistência anafórica, exprimindo ênfase na oferta (“Para ti”) e contribuindo para o ritmo, tudo em fun-

ção do conteúdo musical, próprio para a oferta amorosa a um poeta: “Para ti / a linha do horizonte / e o voo silencioso da esperança / a ruflar as asas sobre o teu peito / de poeta!” Assinale-se a mudança da dicção da última estrofe, o que é significativo como valor conclusivo do poema ofertante: “É para nós / o afago da tua canção / a se aninhar, profunda e tão completa, / em nosso coração...”

“Inexorabilidade” constitui uma reflexão existencial, suscitando a autora, no silêncio das entrelinhas, algo a fazer-se diante do que é inexorável “Quando eu me for”: algo remediador como aproveitar o tempo, ainda mais que o amado é insistentemente advertido: “escuta bem”. Por outro lado, revela-se de modo sutil, nesse soneto, desencanto pela indiferença da Natureza, das coisas, do mundo ante a partida da poetisa: “Tudo será tal qual como antes era, / como se ainda juntos estivéssemos, / quando eu me for, amado, escuta bem!” A exortação ao amado conecta-se com os versos citados de “Deuses do Sonho”: “Apressa-te, pois, amor, / que amanhã já é inverno”.

Os poemas “Sem Palavras” e “Mensagem” impõem um relacionamento entre si. No primeiro, de uma delicadeza que talvez não seja superada por nenhum outro texto da autora, esta constata não ter sido preciso a confissão expressa dos sentimentos para que a comunicação entre os amantes se estabelecesse: o olhar e a neve encarregaram-se das mensagens de amor. No outro poema, construído sob a força de uma vivência ditada pela emoção, pelo sentimento sincero de mulher apaixonada, exige-se a comunicação expressa: “Quero palavras...” E esse sintagma repete-se anaforicamente, encontrando-se em todas as estrofes do soneto, e usam-se argumentos envoltos em imagens, símile, metáfora e valores sensoriais. A finalidade das palavras exigidas vai desde o “alfabetizar minha

esperança” até o serem elas “a arma / com que dispare minhas emoções”.

O derradeiro capítulo do livro denominado “Lições de Solidão” retoma em parte a expressão de sentimentos do primeiro capítulo, “Lições de Lágrimas e de Espinhos”, e a poetisa parece reafirmar, de modo ontológico, o que escrevera no poema “Enigmas”: “Preciso urgentemente ser nós dois”. Os poemas do último capítulo, dividido em vinte “Motivos”, talvez sejam os mais bem construídos e poéticos do livro, vazados em versos livres, cada um distribuído em duas estrofes. Várias dessas composições formam metapoemas, o que já se afirmou. Muitos mostram o agravamento da dor por paixão não satisfeita. Três “Motivos”, o XVII, o XVIII e o XIX apresentam a superação dos problemas pelo poético e o XX traz o formal oferecimento de tais “Motivos” ao amado e poeta, a quem efetivamente se dedicam.

Nos quatro primeiros “Motivos” há a descrição de vislumbres prazerosos, encantadores na primeira estrofe e, na segunda, introduzida sistematicamente por uma conjunção adversativa, a apresentação de uma adversidade vital. No “Motivo V”, invertem-se os papéis: a adversidade vem antes (“Existe uma lágrima disfarçada em teu olhar”) e o encantamento depois (“Mesmo assim [...] / constróis os teus moinhos”).

O “Motivo X” possui a beleza fundamentada na interação e identificação da autora com a poesia do amado. No “Motivo XI”, trata-se a Poesia como sublimação e evasão: “Só a Poesia me conforta...” diante da morte do “gesto que aprendi / amando e sendo amada”, diante da “fúria do silêncio” cravada “em minha carne” e do nome do amado que “o mar cuidou de sepultar”.

Apesar de o poema anterior focalizar a morte do amor buscado inutilmente, o “Motivo XII” volta a regis-

trar a tenacidade da procura amorosa desenvolvida pela poetisa até a perda de si mesma. De fato o que acontece é a dispersão do eu ou perda da identidade. Assim é que belamente se expressa Giselda Medeiros: “sem ser mais eu, / deixo-me para além de mim, porque / o meu destino é caminhar teus próprios passos.”

Poema de negatividade o “Motivo XIV”, sua estrutura formal apresenta-se acorde com essa significação: os *semas* levam ao *sema* indicado. Os três advérbios de negação, o advérbio de tempo com ideia negativa (“nunca”), os prefixos com ideia de contradição (*des* e *in*) e sobretudo os *semantemas* “desafinado”, “angústias”, “inânimes”, “Miragens”, “inexato”, “apagou”, “tedioso” constituem aspectos significantes de um “concerto desafinado de angústias” e compõem um convincente poema pelo valor artístico, a focalizar “o tempo tedioso das esperas”.

No “Motivo XV”, há apóstrofes a Deus, não mais às musas, como no texto anterior, e os significantes são de dúvida, centrados em sete interrogações. O verso da autora representa a aproximação da distância que a separa do amado. Por isso, nos versos conclusivos do poema, impregnados de frustração, dispersão e negação da identidade, registra-se a única certeza da poetisa, que paradoxalmente se encontra pela evasão ou o prestígio da catarse: “De mim... apenas sei que sou / o verso do inverso que não fui.”

Aludiu-se já aos “Motivos XVII, XVIII, XIX”. De fato, trazem a superação da problemática existencial da autora mediante o poético. Vê-se que se articulam com o poema recém-estudado e com o “Motivo XI” por ligarem-se ao sentido de evasão. Focalize-se agora a adversidade específica em cada um daqueles três “Motivos”, superada pelo poético: a solidão no primeiro, o sentimento de dor, parti-

cularmente da de amar no segundo, bendizendo-se aí essa dor por ser matéria da Poesia e, no terceiro, o sofrimento chega ao “desespero de pássaro sem pouso!” Todavia é nesse mesmo poema que o poético com a sua evasão aparece em maior força, superando o sofrer, num movimento compensatório de doação:

Entanto restou o perfume nos ventos sobre o roseiral...
Minha alma desprende-se e, pétala olorosa,
aqui está, em versos, a doar-se.

A doação está acorde com o sentido de oferenda do “Motivo XX”, em que, com um pedido de perdão ao amado, classifica a autora os “Motivos” como “vento, barco, rio” e, ainda, “magia, empatia de poetas // Ou apenas motivos para celebrar a Poesia”.

Diante do clamor intenso dos sentimentos dessa poetisa, remediados por uma tão alta poesia, fica-se encantado, desejando-se ler sempre mais versos seus. De fato, como escrevemos algum dia, essa poesia suave, elegíaca, sensual, de dor e solidão amorosas, vazada em versos de perfeita técnica, faz de Giselda Medeiros uma *Ânfora de Sol* e merecedora do título de Princesa dos Poetas do Ceará.

LIÇÕES DE LÁGRIMAS E DE ESPINHOS

*Quando o tempo em seu abraço
quebra meu corpo, e tem pena,
quanto mais me despedaço,
mais fico inteira e serena.*

Cecília Meireles

Para

*Angela Gutiérrez
Beatriz Alcântara
Mar'ly Vasconcelos
Noemi Elisa Aderaldo
Regine Limaverde*

O AZUL SILENCIOSO DOS ESPINHOS EM TRÊS MOVIMENTOS

Movimento 1

(para Lúcia Helena Pereira)

Quando a noite amanhece em tuas heras,
e o tempo reverdece-me a saudade,
sou sílaba suspensa sobre o medo,
cartilha ancestral de meus degredos.

Reinvento-me vogal, faço-me rima
para acender-te um verso em arco-íris,
sob os cílios de um céu feito de ânsias.
O caminho das águas são espelhos

que refletem ferrugem, desespero,
e onde uma andorinha fia esperas.
Assusta-me esse azul silencioso

posto sobre o fantasma de mim mesma,
artéria em que rumina uma saudade
com seu hálito de espinhos suicidas.

Movimento 2

(para Gisele Bueno Pinto)

Entre o silêncio e a festa da paisagem,
há um pássaro bicando meus fantasmas,
sob a silhueta da canção das pálpebras,
porcelana azul de minhas inquietudes.

O silêncio rendilha as esperanças
que minha alma tricou na infância.
A festa da paisagem célere avança
com seus silentes olhos de crepúsculo.

Fio a dor do silêncio... A dor é tudo
que minha arte sente, que extravasa
nos sombrios espelhos da memória.

Ah, deixem-me cantar minha canção
na dor silenciosa dos espinhos,
porquanto a aurora ainda é paisagem em mim!

Movimento 3

(para Sylvia Helena Tocantins)

Sob o olhar sombroso dos alpendres,
refaço-me em letras e apascento
o azul silencioso dos espinhos
que o medo me enxertou com seus ancinhos.

Na parede da sala, insone espelho
aprisiona o meu olhar vermelho
e tinge de ocre meu lábio calado,
há muito pelo tempo embalsamado.

O pálido relógio marca a sombra
das horas líquidas que ontem deixaram
seus rastros de procela nas alfombras.

A cortina dos medos se descerra...
E vejo dedos, céleres, que aram
novo jardim de amores sobre a terra.

EM LINHO E SEDAS

(para os colegas componentes da equipe do Paic)

Teu corpo — aquário de minhas ânsias —
envolto em linho e sedas de lembranças,
transita cálido em meus pensamentos
sob um feroz e líquido silêncio.

Somente escuto o som de tua flauta...
E esse rumor que dela vem me excita,
ária de sol, de sal, em minhas carnes,
latejos de emoção, laivos de êxtase.

No entanto, indiferente aos meus apelos,
dormes qual rio impresso na paisagem
que escorre de teus dedos feito harpas.

E o som que vem do linho e vem das sedas
sobe, cresce, esparrama-se e me alaga
do pensamento as foscas alamedas.

SOLO DE FLAUTAS

(para Margarida Cassales)

Esta expressão cinérea dos meus olhos,
sob ásperos açoites, qual cilício
expiando-me a dor por sobre as horas,
é vaga matinal com seus bulícios.

Não olham os meus olhos, só espreitam
as janelas que a dor, uma por uma,
cerrou, pondo cortinas de silêncio,
nas quais o grito tatuou queixumes.

Esta expressão cinérea dos meus olhos
são jangadas chorosas sobre as ondas,
são crepúsculos vãos sobre as areias.

Mas, de repente, flautas e canções
do árido solo do meu peito vertem
sob a batuta lírica de um verso.

CAMINHOS

(para Thereza Leite)

Não sei por onde ir...
Sou trêmula rosa
pendente da haste
ou pássaro implume
esquecido da trajetória.

Os caminhos abrem-se em labirintos,
e não tenho o mapa do destino
nem o fio de Ariadne.

Há muito estou aqui
no meio deste tempo sem história.
Cansa-me procurar a saída
nestes vales úmidos de espanto.

A fuga açula-me a solidão,
esta companheira
sempre à minha espreita
com quem divido meus medos,
minhas angústias inexoráveis.

Vou e retorno sobre meus próprios passos,
tímidos e lassos,
sobre a minha própria busca...

Sei que seguir é imperativo,
ficar é presente,
retornar é passado.

... E o futuro? Deverei buscá-lo?
Será ele um tempo? Ou um vento?
Mas, preciso seguir mesmo sabendo
que, ao fim de tudo, acabarei pendente,
pétalas caídas, sob a frágil haste
que me sustentou a efêmera vida,
que era apenas tu.

INSANIDADE

(para Terezinha e Aldo Melo)

Teci do amor uma esperança... e nada!
Refiz-me borboleta na canção
pousada sobre a mão da madrugada
para acordar, amor, teu coração.

Vesti-me com o palor das alvaradas,
cingi-me com o odor das açucenas,
pus no pescoço rendas de almofadas,
para abrandar, amor, as tuas penas.

Gritei teu nome aos montes, serranias,
e quis fincá-lo em nosso amanhecer,
para cobrir-te, amor de poesias.

Roubei do Pierrô todas as mágoas,
fiz-me gaivota sobre o teu destino,
mas ele me afogou em tuas águas.

INSTABILIDADE

(para Conceição Seabra e Ebe Braga)

Vês?
Aquela onda a tecer rendas de espanto,
na areia,
não sou eu.
Eu sou o contorno das espumas
lavrado como escritura
para o abissal exílio dos grãos
de areia.

Minha essência
são esses fragmentos de ausência
retidos na voz dos naufragos,
no desespero das algas e corais
afogados.

Entre ti e mim há sombras
que devoram horas,
que extraviam calendários;
há voos que perderam a estabilidade
e passos esquecidos nas estradas.
Somos paisagens que se despedaçam
sob os látigos do tempo.

Em nós, apenas os murmúrios cegos
de um amor espetado
pelos dedos espinhentos do destino.

Somos a ânsia dos tardos andarilhos:
tu, as pegadas, lentas,
irremediavelmente tímidas;
e eu, o porto, a chegada final,
que espera em vão
o assentamento da âncora
dos teus andarilhos passos.

DOCE BRISA DE CRISTAL

(para Rosimar e Pereira de Albuquerque)

Não me desacostumes de ti!
Do que me serviriam as estrelas
se eu não pensasse nos teus olhos?
Do que me serviria a aurora
se eu não conhecesse a prata dos teus cabelos?

Não me desacostumes de ti!
Que beleza poderia haver nas tardes
se eu não pensasse nos teus braços me enlaçando?
Que poesia restaria inédita
se não fora aquela falada ao meu ouvido?

Não me desacostumes de ti!
Não negues a palavra que te escrevo,
pois se longe estou, longe de ti,
é tão longo o tempo, o presente tão distante,
e o futuro, assustador!
Sem ti, ó doce brisa minha de cristal,
os dias são fantasmas, nada mais,
gargalhando em minha amarga solidão.

QUISERA...

(para Constaninha e seu Príncipe Artur)

Quisera que esse olhar silencioso,
olhar de neve sobre a madrugada,
pudesse penetrar, ah, com que gozo,
esta minha alma triste, abandonada!

O teu olhar, amor, círio luzente,
quisera vê-lo arder, todas as horas,
na noite silenciosa e languescente
do meu olhar de chuva e de demoras.

Assim, tu poderias entender
a solidão da luz nas galerias
e a tristeza que vem do entardecer.

Assim, amor, também, entenderias
que o beijo ansiado, aquele que mais queres,
só eu tenho entre todas as mulheres!

INSTANTE AO ESPELHO

(para Hilmê Costa Lima)

Miro-me ao espelho da fantasia
e vejo que há sal em minhas pálpebras insones
desde muitas auroras.
Vejo o frio pálido em minha pele
intocável... desde muitas luas.
E vejo a tímida gota irisada
cascateando sobre minha face
lívida desde a última travessia.

O espelho em que se mira minha face
parece mesmo gente, sabe?
Tem inveja e mostra-se irado
quando pareço estar feliz.
Mas, se as tristezas tremulam em meu olhar,
de pronto, faz resplandecer meu rosto
e tece uma auréola fingida de luar.

Ó infiel espelho meu,
dizer-me, agora, vem:
Qual de nós dois sabe fingir melhor...
Hein?

CONTEMPLAÇÃO

(para Fernanda Benevides)

Acaso escutas um tropel insano,
que vai desvirginando as alvoradas,
e desce pelas tardes languescientes
até romper o útero da noite?!

Repara, olha, vê as alvas crinas
desse ginete posto em cavalgadas
indômitas e assaz apavorantes
diante de nós, humanos, e perplexos!

Para um instante, sai de teu casulo,
contempla, tudo, tudo ao teu redor
como se fora tua última imagem.

Então compreenderás: é tão pequeno
e tão efêmero esse contemplar...
Por isso, sorve a vida inteiramente!

SÓ EU E A NOITE

(para Ione Arruda)

Um grilo enche a noite de notas...
Pressinto-lhe desespero na cantiga.
Na vidraça da janela,
a chuva desenha teu rosto
e me impõe a cantar meus salmos.
Em uníssono, cantam comigo as horas
em sua canção de desfolhar o tempo.

Escuto Bach, longe, longe,
trazido pelo vento que, invejoso,
apaga da vidraça a tua imagem.

O grilo cala a melodia aflita,
enquanto o meu desejo espalha sons
estridentes, estilhaçando-se na noite
que parece nada ouvir
e dorme, enquanto a última estrela
persigna-se ante o Cruzeiro do Sul.

RIO AZUL

(para Neide Freire e Rosa Firmo)

O rio oferece o seu canto
ao solitário viandante
que sangra com as auroras
nunca azuis...

O canto do rio é um lamento
na boca da noite
que se veste de sombras
nunca azuis...

O rio açula a serpente
das águas sonolentas
abrindo distâncias de luas
nunca azuis...

Despenhadeiro abaixo
o rio desce com seu canto
e inventa amores inéditos
nunca azuis...

Mas segue o rio na noite
lambendo amores em cio
sem pensar que é azul
de um azul antigo e doce
como os meus sonhos da infância
que para longe se foram...

ADORMECER... ADORMECER...

(para Francinete Azevedo e seu inesquecível Chagas)

Em meu crepúsculo adormeço
e vago por paragens onde
sonho flores nascendo de tuas mãos.

E o teu rosto — enigma de silêncios,
surpreende a ausência que baila
no rocio da madrugada
para oferecer-me ao primeiro cantar
do pássaro insone sobre minha janela.

Ah, esse silêncio que habita teu rosto
e olha o meu desespero tantálico!
Tenho medo desse silêncio doído, doído,
dessa ausência tão presente em minha noite...

Adormecer, adormecer — é o que me resta,
para sonhar com tuas mãos se abrindo em flores.

DEIXAREI QUE ME BUSQUES

(para Ruth Cléa e Dr. Roberto Ribeiro)

Tenho medo de buscar-te
embora me incite o coração.
Tenho medo de buscar-te, pois temo
encontrar-te rodeado de fantasmas;
tuas mãos perdidas em ritos de dúvida;
teus braços estendidos em dilacerados gestos
de agônicas esperas;
teus olhos cegos pelas insônias das horas
que devoraram nossos sonhos;
tua boca travando palavras;
palavras quebrando o espelho mágico
em que deixamos as últimas imagens.

Tenho medo de buscar-te.
O voo do pássaro ainda dorme
sobre tuas pálpebras de alvas cambraias,
e o exílio da noite ressoa
da flauta de tua memória
em notas de crônica solidão.

Não. Não mais te buscarei.
Em mim, sabes, há canteiros,
chaves que abrem portas e cristais.
Em mim, sabes, há luares,
rio, concha, plumas,
a tarde com sua esteira de crepúsculo,
e a aurora, onde um galo tece seu úmido canto.

Esperarei que me busques,
sim, esperarei,
como um cão a farejar-me
o exercício dos dedos
ardendo em círios de desejos.
Então, se me buscares,
juntos, acordaremos o silêncio,
plantaremos rosas no deserto outonal,
e os teus passos, abrindo as madrugadas,
salpicarão em minhas lavouras
o sal de que precisam meus nascentes anseios.

Sim, esperarei que me busques...

PAISAGEM ONÍRICA

(para Mundinha Negreiros)

Morre o dia, eu agonizo
qual se da haste caísse a flor...
E tristemente diviso
escombros de um paraíso,
ruínas de um grande amor.

A bruma cai e, pesada,
desce escura sobre a serra,
que, à solidão acoplada
e à minha dor ajuntada,
enlanguesce toda a terra.

As asas voltam cansadas
de seu diuturno labor
e vêm, assim, debandadas,
tão tristemente, coitadas,
como eu neste langor.

Envolto nesta paisagem,
meu olhar busca o passado...
E, da bruma, qual miragem,
vai compondo tua imagem
a caminhar ao meu lado.

Passeando os dois bem juntinhos,
os ventos, antes tristonhos,
vão-se tornando, aos pouquinhos,
em alegres burburinhos
dos nossos mais lindos sonhos.

Cantam alegres as fontes!
Na paisagem adormecida,
as flores, rios e montes
solfejam aos horizontes
seu canto de amor à vida.

ENIGMAS

(para Eliane Arruda)

Há um verso em mim
pendente dos meus olhos,
círio aceso na noite dos espantos.

Há um verso em mim
pendente dos meus lábios,
libélula ruflando asas de cristal.

Há um verso em mim
pendente de minha alma,
onda inquieta a gemer sob o luar.

Há um verso em mim,
metáforas alucinadas,
inseridas no ilógico livro da vida.

Mas, se busco decifrar-me à luz dessas metáforas,
encontro só o pasmo no horizonte das ausências...

Oh, tu, miragem das minhas pupilas desgastadas,
decifra-me os labirintos, caminhos ignotos,
mosaicos de amor desarrumados pela ventania.
Preciso urgentemente ser nós dois!

HISTÓRIAS

(para Vital Arruda)

Ontem havia um rio...
E o rio ria ruidoso
com suas águas cheirosas
rumando ao encontro do mar...

E lá se ia o rio
qual um cristal flamejante
no chão deixando pegadas...
rio-menino travesso
brincando de esconde-esconde
com as ondas brancas do mar.

Ontem havia um rio...
Um rio correndo em mim,
coração, ventre e pulmões
cantarolando, feliz,
a vibrar-me a alma e o estro
num leito azul de quimeras.

LIÇÕES DE ENCANTAMENTO
E DE LOUVOR

*No meu sangue rubis correm dispersos:
— Chamas subindo ao alto nos meus versos,
Papoilas nos meus lábios a florir!*
Floberla Espanca

Para

*Batista de Lima
Barros Pinho
Dimas Macedo
Eduardo Fontes
F. S. Nascimento
Genuíno Sales
Horácio Didímo
João Soares Neto
Murilo Martins
Myrson Lima
Sânzio de Azevedo*

*Todo
aquele que
escuta estas minhas
palavras, e as pratica, asse-
melhá-lo-ei ao homem prudente,
que edificou a sua casa sobre a
rocha. E desceu a chuva, e correram
os rios, e assopraram os ventos, e
combateram aquela casa, e não
caiu, porque estava edificada
sobre a rocha (Mateus
7,24-25).*

INTEMERIDADES

(para Ilnah Soares)

Não temes, não temes a voz das cousas estranhas
que vêm de longe
como náufragos de olhares submersos.

Não temes, não temes sua música fugidia
que se levanta do fundo das águas
e se extingue antes mesmo de ser cifrada.

Não temes, não temes o indecifrável
de sua memória submarina
a desenhar arabescos instantâneos
na superfície das águas tumultuadas.

Não temes, não temes se a noite desce
e põe sobre o teu lábio uma sílaba triste,
porque a fortaleza é teu alicerce
e faz de teus olhos mágicas lanternas
nestes corredores sombrios da vida.
E deles se acendem tochas de esperança
que dissipam as trevas,
porque a casa que habitas
não está sobre as areias movediças
do medo nem da falsidade.
A casa que habitas, minha amiga,
está a salvo, muito bem edificada
sobre a rocha do Amor, da Prudência
e da Solidariedade.

NUVEM DE SÂNDALO

(para Rose e Dr. Maurício)

És canto inaugural de minhas tardes.
Teus olhos... precursores das estrelas.
Em teus braços, aninham-se os mormaços
com seus líquidos tons crepusculares.

E, no varal das minhas fantasias,
ponho a secar mil versos para leres
quando a nuvem de sândalo trouxer
meu cálido perfume de mulher.

Eu serei para ti a amada e a amante.
Descerei ao pomar de teus anseios,
feito fruta colhida em tuas heras.

E tu acolherás os meus aromas
que, em frêmito, me hás de sugar dos seios
a saciar-te o tempo das esperas.

ESPELHOS

(para Vilmaci e seu inolvidável Dr. Oton Garcia)

Mesmo que a luz da última estrela
venha a se apagar em noite inerte,
no longínquo horizonte adormecido,
por certo há de acender-se
a branca luz da estrela que te guia
nos espaços siderais da arte.
Tens, decerto, sóis que te arrastam
para o instante absoluto da Poesia.
E, em ti, eles ardem, crestam e, em combustão,
silenciosos, vêm deitar seus raios de ouro
em nossas pupilas retraídas.

Somos espelhos no mármore do tempo
a refletir a festa que vem de tua voz,
essa cantiga de cascata alvoroçada,
querendo derramar-se pelas várzeas,
pelas pausas do tempo que se esvai.
E de tuas mãos soltam-se alegres asas
que vêm pousar em nosso coração.

INCRÉDULIDADE

(para Argentina e Gutemberg Andrade)

Jamais pensei que o amor chegasse, assim,
de leve, e, muito sorrateiro, abrisse
esta seara incomunal no peito
e reaquescesse tudo, tudo, em mim.

E tu, com ele, vieste sutilmente,
qual fosses sol, a iluminar-me a vida,
trazendo ao cais do meu outono o barco,
e sobre o mar pusemo-nos à frente.

Incrédula, pensei fosse somente
um arrebatamento passageiro
que, como muitos, se tornasse em neve.

Mas, ó miragem azul do meu caminho,
teu passo no meu passo, assim entranhado,
a história breve faz-se eternidade.

O BRINDE

(para Heloísa e Regina Barros Leal)

O sol esfrega os olhos
ainda úmidos de trevas
e desce para beber o vinho
na taça dos amores matinais
que sobreviveram ao espantoso combate
da noite em sua lascívia.
Amanhece...

Em agonia,
ergo a taça sonolenta do dia
e brindo ao vento,
esse dragão solitário,
que vem deitar em mim
suas promessas de cinza e pó.
Só.

HORAS LÍQUIDAS

(para Dr. José Rosa Abreu Vale)

Jorram de tua alma, em ânsia,
o silêncio e os ventos
sobrevividos da chama da infância...
és um cristal desprendido do luar.

Roça-te a pele, em agonia,
o bulício implume de andorinhas
soltas na madrugada dos exílios,
alçando voo em longa travessia.

Abrem-se, em plumas de pétalas,
beirando as trilhas do itinerário,
rosas que se desfolham em crepúsculos
e vão tingir de rubro o trigo que te nutre
umedecido do orvalho dos teus sonhos.

Voam, no teu céu, feito andorinhas,
as palavras com que costuras as auroras
levantadas da grande noite dos teus olhos
e postas sobre nós, no desvario de líquidas horas.

CONTEÚDO E CONTINENTE

(para Waldir Rodrigues)

Poeta,
de que barro,
de que águas,
de que matéria
vem tua rima,
se ela é tão rara
e embriaga as retinas
ávidas de pérolas,
e de luz, e de canções?!
Chove emoção com teu verso...
E tua poesia é azeite e lâmpada,
fio e teia, corda e harpa,
asa e voo, luz e estrela,
água e rio,
pássaro que poussa
sobre o azedume da vida
soterrando espantos
e despertando mitos.
Tua poesia escorre sobre nós
como o orvalho sobre a pétala,
tão leve e cristalina...

Poeta, responde-nos:
de que barro,
de que águas,
de que matéria
vem tua rima,
se tua mão guia, no invisível espaço matinal,
o ritmo e a palavra
que começam a dançar nas madrugadas
envoltos no ciclar da brisa,
a explodir em versos sobre tua frente?!
Tu cantas, Poeta,
a amargura da vida
com a mesma singeleza com que choras
o amor sonhado, encravado nas estrelas.
Teu é o território do sentimento.
Teu é o infinito que se abre para conter o sonho.
Teu é o canto da saudade
evolvendo nas asas do pássaro do amor.
Por isso, poeta, vem e dize-nos:
de que barro,
de que águas,
de que matéria, enfim, vem tua primorosa rima?!...

VERSOS EM CORES

(para Neide Azevedo Lopes)

O sonho, em cores,
resvalou, sutilmente,
sobre tua frente
e semeou de rosas os teus versos.

Em tuas mãos,
bordou alegres estrelas:
brancas, azuis, estrelas-meninas
adolescendo, adolescendo...

E tua alma, entre assustada e feliz,
sorveu delas a cor e a beleza,
a essência delicada e rara,
o inacessível olhar de luz
com que teceste o pensamento
para entregá-lo, vivo e incandescente,
ao sonhado amor que cantas sempre.

MIRAGEM

(para Tereza e Ítalo Gurgel)

Bem sei. O amor chegou, me fez visita.
E me deixou atônita, sem mim.
Chegou qual beduíno que, além, fita
uma miragem, qualquer cousa assim.

E sem pedir licença, foi entrando...
E, se apossando do que havia em mim,
rasgou meu peito, e, assim, foi-se alojando
no espaço acetinado de carmim.

Bendigo-te, ó miragem! Estou vencida!
Podes entrar... é tua esta morada,
onde ainda canta, em cada canto, a vida.

Só uma cousa, amor, eu mais almejo:
ama-me muito, faze-me tua amada,
para que deusa eu surja do teu beijo.

CANÇÃO-OFERENDA

(para Jorge Pontes)

Para ti o passo e a estrada
a se fazerem versos em tua alma
de andarilho.

Para ti
a nota e o ritmo
na simbiose da canção
de amor que cantas.

Para ti
o tom e o espanto
das tardes alvoroçadas
de passos.

Para ti
o odor da rosa de Luís Otávio
nas notas da canção
trovadoresca.

Para ti
o hino das horas febris
imersas na saudade
que se debruça no varal
do tempo.

Para ti
a linha do horizonte
e o voo silencioso da esperança
a ruflar as asas sobre o teu peito
de poeta!

E para nós
o afago da tua canção
a se aninhar, profunda e tão completa,
em nosso coração...

ARAUTO DO BEM

(para Francisco Bedé)

És como o lago de Genezaré:
manso e belo na profundidade da fé.
Guardas no azul das águas
pérolas de caridade.
E te agigantas ao soprar das preces
que te eriçam a alma generosa,
e transbordas alagando as margens
por onde vão brotando flores de altruísmo.

Vives da pesca do bem, pelo bem e para o bem
do irmão, que sofre as dores desta vida.
A eles dás-lhes o bálsamo da prece
e a palavra carregada de otimismo.

És, amigo, lago, terra, várzea e ar,
rede e pescador,
em plena miscigenação dos dons que há em ti.
Por isso nunca fazes distinção,
a todos amas com o mesmo amor,
porque é Deus que age no teu coração.

VIVER O AMOR

(para Maria Edice e Cláudio Queiroz)

Sem amor, somos pobres como Jó;
e somos deus sem sua onipotência;
e somos sol sem luz, lua sem brilho
e a pobre mãe que já perdeu seu filho.

Sem amor... sem amor... ai, nossas bocas
nada dirão, embora que as metáforas
rochem-lhe a língua e deixem-na ferida.
Ai, como é triste a vida sem Amor!

As esperanças chegam, vão-se embora...
Uma após outra, vão soltando as asas
rumo ao canteiro onde descansa o Amor.

Por isso, amemos muito, enquanto a vida
em nós vibrar tão plena de alegria,
porque o Amor é o templo da Poesia.

PÉTALAS EM VERSOS

(para Maria Helena e seu inesquecível Themístocles Macêdo)

Tens as mãos alcatifadas de pétalas
de arminho, de róseas manhãs,
abrindo-se em versos,
com o olor das alvoradas,
com gosto de avelãs.

Trazes no olhar
a luz cheirosa de um arco-íris,
abrindo-se em versos,
na ternura de suas cores,
a absorver da estrada
as dores.

És! Simplesmente, és...
és, sem predicativos
nem adjuntos adnominais.
E teu verso, aberto, segue
tamborilando no telhado da vida
como os pingos da chuva, prestes
a se infiltrar na terra exaurida
para a fecundação de mais um poema
de exaltação à vida e à fé.

CANÇÃO ALVISSAREIRA

(para Dr. Leonardo Bezerra)

Tua palavra, de asas e luas,
branca palavra, branda, é uma canção
na pauta alvoroçada que repõe
o sol, que reverdece nossas heras.

Tua voz — rumor de pétalas — é luz
que ensina à alvissareira madrugada
cantigas de esperanças e de orvalhos.

Tua mão, de círios e de lírios,
Borrifa mansamente nossa vida
de aljôfares, de sândalos e mirra.

E teus olhos, guardadores de silêncios,
desnudam-nos os males mais danosos,
por isso, ó bem-amado, te trazemos
estas mãos cheias de amor e de poemas.

MADRUGADAS E CREPÚSCULOS

(para Valdelice Alves Leite)

Levantai-vos, Madrugadas,
descei com vossos mistérios,
com vossos olhos de aljôfar,
com vossas mãos de alvoradas!

Dizei-nos, vinde, Formosas,
baixinho, aos nossos ouvidos,
quem vos esculpiu o talhe,
quem vos deu o odor das rosas...

Descei, sonâmbulas Musas,
com vossas liras de sonho,
e povoai o universo
com vossas cores difusas...

Não temais o azul do laço
posto nos cabelos cinzas...
É preciso, é imperioso
matizar vosso regaço!

Não temais, que a mão dourada
de fina e exímia artista,
num gesto muito sutil,
vos pincelou de palavras...

Para que, junto com as Musas,
prossigais pelos caminhos,
em tropel, se revezando:
Madrugadas e Crepúsculos!

ESPERAS AZUIS

(para Gerardo Lopes)

Por mais que te queira cantar este instante,
minha voz silencia ante o cristal
de teus olhos — espelhos de esperas silenciosas.

Há em minha voz
caminhos e madrugadas,
mesmo assim, é sonolento
o olho do tempo
que se embriaga ante o esplendor das alvoradas
a espriarem-se em tua alma,
bergantim de afoitos mares.

Teus olhos — espelhos de esperas silenciosas,
anilaram-se,
e o reflexo azul — de águas claras e tranquilas — derrama-se
em nós como um pálido de vigílias estelares.

Por isso, minha voz silencia
e, apenas, perscruta o azul
— espelho de esperas silenciosas —
grandeza d'alma, miosótis,
a irromper dos desvãos do tempo,
em benesses. Em benesses.

INDECIFRÁVEL

(para Rejane Costa Barros)

Será o meu amado um verde gesto,
inaudível palavra, não expressa,
um vento brincalhão entre os palmares
ou indormida pétala de rosa?

Será o meu amado astuto barco
nas procelas da vida a navegar
indiferente às ânsias, às esperas
e ao mormaço da tarde a declinar?

Será o meu amado aflita gota
do espelho d'água que reflete o céu
com seu cortejo de anjos e de nuvens?

Não! O meu amado é alvo pensamento
a correr sobre as dunas da poesia,
trazendo-me as areias do lirismo.

ENTRE ANSEIOS E DESVELOOS

(para Mariazinha e Linhares Filho)

Somente para ti são meus desvelos...
E o tempo, que não para, move os dedos
lânguidos da palavra adormecida
ao fremir silencioso do poema.

Somente para ti são meus desvelos...
E a folha branca que arde à minha escrita
só fala desse mel posto em teus lábios,
o pasto onde se deitam meus anseios.

Somente para ti são meus desvelos...
E a poesia que escorre como sândalo
é a unção deste amor que me sustém.

Somente para ti são meus desvelos...
e tu, que és mar, jangada, onda e leme,
és âncora, também, dos meus segredos.

LIÇÕES DE DOR E DE SILÊNCIO

*A fúria dos espelhos
Trinca o azul de minhas lágrimas.
Tenho a solidão dos pássaros em vôo.*

José Telles

Para

Carlos Augusto Viana

Diogo Fontenelle

Heliane Pimentel

Joamir Medeiros

José Alves Fernandes

José Augusto Bezerra

Juarez Leitão

Manuel Crisóstomo do Vale

Pedro Henrique Saraiva Leão

Pedro Paulo Montenegro

Roberto Gaspar

Vicente Alencar

A GEOMETRIA DO ADEUS

(para Aracy Silveira)

Na lâmina dos espelhos
o teu olhar de beduíno
crestou-me os caminhos.
Os olhos vermelharam espigas
e espigas pariram grãos.

Na noite vigiei-te os passos
que iam e vinham
no doce mistério de secar os grãos
nesse intróito dos rituais
(lira incendiada de sol)
que a noite sonha conquistar.

Na lâmina dos espelhos
o meu olhar (harpa desafinada)
escrevia notas dilaceradas
para alimentar a canção
de tuas carnes andarilhas
— ofertório, loucura, tempestade -
na noite do meu silêncio
posto em dunas alvacentas,
a refletir-se na lâmina dos espelhos
que tornaram cegos
meus olhos e os teus,
cúmplices da geometria
amorfa daquele adeus.

ESTRELA D'ALVA

(à minha mãe — *in memoriam*)

Pressinto teus passos na languescência da noite...
Mas tua voz já não pode levantar-se
para encher de canções o meu ouvido...
Tuas mãos tateiam por espaços
que não consigo vislumbrar.
Essas benditas mãos, que me alcançaram os primeiros passos,
que sentiram o calor da terra
e a branca maciez das rosas em seu entreabrir-se...

A noite caminha, e, de repente,
o albor da madrugada vai enchendo o céu...
E, enquanto a estrela d'alva espia o estertor da noite,
vais costurar na luz o teu sorriso — jardim
de rosas-frança e bogaris —
só para eu te ver sorrindo para mim!

INEXORABILIDADE

(para Conceição e seu inesquecível Elmo Gomes)

Quando eu me for, amado, escuta bem,
não deterá seu passo mesmo o tempo,
tampouco apagar-se-á a luz da estrela,
e a rosa azul ainda nascerá.

Quando eu me for, amado, escuta bem,
as alvoradas lindas nascerão,
e as estações, no seu tropel diuturno,
à terra descerão com suas âmbulas.

Quando eu me for, amado, escuta bem,
nosso jardim se cobrirá de flores
como se ainda juntos estivéssemos.

Tudo será tal qual como antes era,
como se ainda juntos estivéssemos,
quando eu me for, amado, escuta bem!

A UM POETA QUE SE FEZ ESTRELA

(para Ezequiel Pinto de Souza — *in memoriam*)

Agora, é como depois de um temporal...
Deixemos, então, que esse murmúrio de águas correntes
embale nossa saudade.

Deixemos que as nuvens movediças
desçam com seu olhar de náufragos
sobre o peito das nossas lembranças.

Deixemos que essa música de terra molhada
penetre em nosso coração
e acorde os versos do poeta adormecido.

Deixemos que nossos olhos volúveis
e cheios de dúvidas
perscrutem no espelho do horizonte sombrio,
silencioso ancoradouro dos sonhos,
a luminosidade daquela estrela
pousada em nossa humana visão
na invisível forma de Poesia,
na invisível forma de quem, serenamente,
foi projetar-se na pupila de Deus,
sem inércia nem esquecimento,
sem amargura nem fraquejamento,
porque a felicidade divina se lhe fez sorriso.

Agora, é como depois de um temporal,
e um anjo derramou sua taça cheia de amor
sobre o grande rio da vida,
alagando-lhe as margens de saudade.

A TRAVESSIA

(para Vilani e Dr. João de Deus)

Não sei onde deixei meu barco...
Na linha do horizonte, há teias que me confundem.
E há fuligem e pátina no cais onde me encontro.
Miro o oceano. Azul... Esmeralda...
Confundem-se em mim mar e firmamento,
dor e alegria, melancolia e excitação,
vontade de partir, desejos de ficar...
Mas, ir para onde?
Ficar, para quê?

O vento tange uma ária de Bach...
e, dispersas pelo espaço azul,
as nuvens dançam seu balé aéreo.
O passado distingue Isolda, O Lago dos Cisnes...
Principio a esvoaçar com as etéreas bailarinas,
tão brancas e tão leves,
tão únicas e múltiplas... sem começo, meio e fim.
Ah... Saudade dos sonhos
enfiados nas sapatilhas róseas!
Saudade do brilho das finas saias,
rodopiando, rodopiando...
E a bailarina, então, se alçava,
quase levitando, livre, lépida, linda!...

O vento me sacode... A Realidade. A Travessia!
Ao longe, um barco sobre espumas flutuantes...
De repente, nem rastro nem espuma...
Só a Travessia...

MAR INTERIOR

(para Maria Luísa Bomfim)

Mar bravo. Ondas batendo revoltosas
em loucas e alternantes vindas e idas,
ora a gemer, ora a chorar, feridas,
sob o látigo das águas furiosas.

O sol lança seus raios... surgem rosas,
cristais de luz sobre águas indormidas,
as quais se vão, das águas refletidas,
alçar-se aos céus em pétalas olosas.

Ante a grandeza augusta da paisagem,
cala-me a pequenez — ai... nada sou
além de triste e efêmera miragem!

Mas, ao pulsar-me o peito, diz-me o ar:
— Dentro de ti se move tanto amor
que no teu peito, também, bate um mar!

CANÇÃO EXTRAVIADA

(para Francisco Carvalho)

A mim não importa a solidão.
Sou um rio que se vai
nas sombras — alimento — da paisagem
que escorre de meus dedos.

Minha voz é este verso
que carrego nas entranhas.
Com ele, expulso meus medos
construo sílabas na cartilha do Amor
ou rezo salmos à passagem dos mortos.

Com meu verso
velo o sono dos que se entregam a Eros
no desespero dos espelhos narcísicos
ou na obstinada esperança de Orfeu.
Com ele, coso a túnica dos sonhos
que resta, alva, entre solitários lençóis.

Meu verso é vento que se derrama
nos pórticos dos oráculos
e sabe o martírio dos surdos,
o desespero de Tântalo,
a perplexidade dos andarilhos
que não têm aonde ir.

Por isso, meu verso
é este tempo que não quer ruir
é esta linha que não se espanta
ante o martírio da pauta extraviada
pelo incêndio das horas metálicas
que interceptaram o som da nossa canção.

VISÕES

(para Telles e Ana Karenina)

Surges... A manhã dorme em minhas pupilas.
Ainda não me fiz sol para o teu encanto.
Ainda não me fiz asas nem vento
para impulsionar-te.
Surges de um modo tão teu: esquivo e tímido.
Nem trazes uma rosa para meu deleite
nem dizes palavra alguma
nem me acenas com a esperança de ficares.

Tudo em ti é mito;
tudo em mim é poesia.
Tuas mãos derramam brindes;
minhas mãos derramam estrelas.

Há pássaros engaiolados em teus olhos;
nos meus há liberdade de nuvens em travessia.
Trazes uma dor que brinca de esconde-esconde;
trago uma alegria insone que brinca de ciranda.
Somos cara e coroa de uma ilusão a dois:
quando sou, não és
quando estás, não estou.
Mesmo assim, de quando em quando,
surges, meu cometa!
E o meu céu inunda-se de tua luz.

REVERSO

(para Nirvanda e seu inesquecível Dr. Medeiros)

Final de tarde... o sol vai lentamente,
seguindo em carrossel avermelhado,
descendo os pântanos, fogo cruzado,
entre ele e a noite em seu chegar dolente...

Miro o espetáculo... e, imediatamente,
cerro meus olhos — vejo-te, ó amado —
e quedo ante teu vulto à minha frente,
lembrando imagens do nosso passado,

quando eras sol, um sol abrasador
crestando-me nas noites silenciosas,
tu, que além de sol, eras meu senhor!

Agora, quando em sombras me consumo,
sou um jardim sem asas, luz nem rosas,
um triste girassol, perdido o rumo!

RÉQUIEM PARA CÉSAR COELHO

Faz-se noite...
Cálida aragem passeia
tangendo imagens e emoções.

Eis que, da gaiola rude da vida,
foge um pássaro.
E, na voragem do tempo inexorável,
altea-se com o vento,
feliz, por essa travessia.

Toca a imutabilidade dos astros.
Os olhos, livres das amarras,
vislumbram a infinitude da “Lua Cheia”,
tão redonda qual “moeda de ouro”.
E, no bico canoro leva
a alegria da conquista
do imponderável.

Abriram-se-lhe as asas
no azul dos sonhos intangíveis.
voo de liberdade rumo às paragens
do Grande Rio intransponível.
Paisagem verdejante.
Águas claras lavando-lhe
os últimos vestígios de matéria,
para a purificação de sua essência.

Na liberdade dos olhos de pássaro, o brilho incomunal
da suprema felicidade.
E, na garganta, o canto perene do Amor
a fecundar as flores pelas madrugadas.

A singeleza e o dulçor das alvoradas
são notas de saudade
do pássaro-trovador.

CANÇÃO PÓSTUMA PARA BEBETO

(À memória do Dr. Carlos Alberto de Sousa Tomé)

Quis minha Arte dedicar-te um canto,
mas estavas de ouvidos fechados.
E teu lábio calado parecia exalar um disperso
e breve suspiro de rosa,
tão tímido.
Teus olhos cerrados não viam senão
o albor dos sonhos feito memórias
e o entreabrir de lírios dourados
que tuas mãos haviam plantado
em exaltação à vida — tua grande peleja.

Quis minha Arte dedicar-te um canto,
mas estavas absorto entre pétalas de saudades,
agasalhado no silêncio inefável;
e nosso pranto
costurava arabescos de lembranças.
Teu peito varonil era um canteiro
onde sementes brotavam pressurosas
para enfeitar de rosas o teu leito.

Quis minha Arte dedicar-te um canto,
mas tua face permanecia imóvel,
claridade inexata no espelho dos nossos olhos.
No entanto, ao ver-te, imóvel lírio,
a dormir entre luares e músicas de anjo,
eu penso, então, que esse sereno contorno
de liberdade suspenso no teu lábio
é, exatamente, a canção que quero dar-te...
E é este o canto com que te canta a minha Arte!

LIÇÕES DE MUITO AMAR

*Sinto, contudo: é belo este momento!
Faço no sonho um vasto acampamento
E colho em minha tarde a tua aurora.*

Artur Eduardo Benevides

Para

*César Barros Leal
Conceição Moreira
Dina Avesque
Evan Bessa
Leda Costa Lima
Lêda Maria
Lourdes Figueiredo
Luciano Maia
Margarida Teles
Révia Herculano
Rita de Cássia Araújo
Vianney Mesquita*

A VISITA

(para Lúcia e Rui Filgueiras Lima)

Enfim, o Amor me fez uma visita...
Sentou, comigo, à mesa, e disse: “Vim
para ficar contigo, me acredita,
serei teu; tu serás só para mim”.

Ouviu-o. E, enquanto ele me olhava, aflita,
eu relembrava outra visita e, assim,
perscrutando-lhe os olhos, intervim:
“Se me amas, fica, e esta dor interdita!”

Fitamo-nos... Nada dissemos, mas
mil luzes acenderam-se. Vibramos
na exaltação febril do instante audaz.

Como foi bom amar e ser amada,
e despertar com a aurora que pintamos
na tela argêntea da nossa alvorada.

INFINITUDE

(para Fernanda Quinderé e seu Amado)

Meus lábios roçam a manhã
que veste teu nome,
arquitetura de conchas
exalando sândalo
para a noite das pérolas
que espreitam o luar.

O pássaro que guarda teu nome
vem dizer-me do mel oloroso
que emana de tuas ânsias,
sôfregas plumas,
para o voo do delírio escarlate.

Sorvo, então, a manhã
e, com ela, a canção das pérolas.
E o mel, que escorre de meus lábios escarlates,
adoça teu nome em minha boca.

E falta infinito para o nosso voo...

DUPLA REALEZA

(para Edyr e seu inesquecível Clóvis Rolim)

De muito longe, ouvi teu pensamento
passar por mim, querendo-me dizer
alguma coisa e, mesmo sem querer,
adivinei-te o gesto e o chamamento.

E fui a ti (ah, mesmo sem te ter!),
nuvem, vento, água e ar, em cumprimento
de algo interior que me fazia ver
naquele encontro algum deslumbramento.

Ambos, então, seguimos, mesmo passo,
pela estrada outonal da nossa vida,
para colher do Amor o longo abraço.

E, ó meu amor, que grande sorte a minha!
Tua alma me esperava embevecida,
e eu te ansiava rei para u'a rainha.

O ENCONTRO DAS MÃOS

(para Olga e Silvio dos Santos Filho)

Postas sobre o silêncio da mesa,
nossas mãos são como pássaros
querendo bicar o azul de um sonho adormecido.
A melodia do ar açoita-lhes as plumas,
macios desejos de voar.

Qual pássaro, tua mão pousa sobre a minha
e grita o silêncio que há em mim.
E eu querendo dizer-te da beleza das auroras...
Mas meu lábio mudo geme fagulhas de palavras,
para a lavratura do incêndio iminente.

De súbito, elas se erguem imantadas
e, atraídas, nossas mãos se juntam,
ajustam-se entrelaçadas.
Como pálpebras, vão-se fechando, lentamente,
conchas silentes,
na agonia do instante entre o gesto e o olhar
suspensos na palavra que não é dita,
mas sentida,
nos fragmentos dos espelhos
de nossa memória.

Então, trêmulas, uma na outra,
atiçam-nos as vértebras, músculos e nervos,
e sangram desejos
na geometria de nossos dedos unidos.

CANÇÃO PARA O TEU PENSAMENTO

(para Nilze e Manoel César)

Basta que de mim te lembres
pra que tudo reverdeça
e haja luzes nos salões
onde valseiam poetas,
onde harpas, liras dolentes
dilaceram-se felizes
em velhas canções de amor.

A um pensamento teu
dirigido para mim,
até a verde esperança
vai tingir-se de carmim
e compor em redondilhas
suas fábulas de amor.

E, basta, então, que, de leve,
tu murmures o meu nome,
para que nas catedrais
bimbalhem todos os sinos
no esplendor da majestade,
grandes procissões de amor.

E, por isso, ó meu amado,
seja noite, seja dia,
estarei sempre a teu lado:
na aurora, serei orvalho;
na tarde, um belo arco-íris;
e à noite, serei luar.

Basta, pois, que tu me sigas,
mesmo de longe, e me tenhas
sempre no teu pensamento
para que minha canção,
a voar junto com o vento,
atravesse o esquecimento
e, nas distâncias, se alteie
qual fonte, no seu labor,
a jorrar águas de amor!

DOAÇÃO

(para Maria do Carmo e Dr. Valdomir Fontenelle)

Vivo a buscar-te, amado, em meu caminho,
qual pétala de um helianto ao sol,
feito angústia, da aurora ao arrebol,
só pra mirar-te os olhos, de mansinho.

Sigo-te, aos longes, para, em meu crisol,
aprisionar-te o gesto de carinho
com que te vi olhar o passarinho
a voejar por sobre o girassol.

Ai, miragem feliz, eu te abençoo,
pois sou, agora, afagos de esperança,
sou leve cisne, sobre a água, em voo.

E, se ficares! Ai... se tu ficares,
minha alma impetuosa de criança
será dócil cordeiro em teus altares!

CANÇÃO DO AMOR QUASE TARDIO

(para Viviane Fernandes)

Já era tarde em minha vida, e tu chegaste...

A canção que eu cantava
já definhava ao poente
com notas dilaceradas
pelas angústias da tarde
que já nem mais escutava
os madrigais dos amantes.

Mas como um rei perfilaste
as emoções que dormiam
lá no íntimo de mim.
Com suas pálpebras em cio
foram tocadas por ti
e fizeram-se clarins.

Quase tarde — isso é verdade —
em minha vida chegaste...
Mas trouxeste sol, aurora,
palavras de encantamento.

Ó senhor da minha messe,
não te lembres de ir embora...
Quem irá cuidar da vinha
que tão linda refloresce?
E quem subirá comigo
os degraus do arco-íris
quando surgir qual abrigo
em nossas tardes de abril?

Vê que sempre será cedo
para que possas deixar-me,
embora tenhas chegado
muito tarde em minha vida!

SONATA AO LUAR

(para Clara Lêda)

Meus olhos são como os crepúsculos
que acompanham o vazio das tardes
e choram a solidão das urzes
indiferentes à escuridão das noites.

Meus olhos guardam a súplica de Orfeu,
o desespero de Tântalo,
a dor de Prometeu.

Meus olhos são como os crepúsculos...
Retêm o silêncio das torres da matriz
e a voz queixosa dos sinos... São o alaúde
que restou, sem cordas, sobre as ancas do tempo.

Mas, quando vieres,
assim como um milagre,
aprenderão a solfejar, com o vento,
as mais lindas sonatas ao luar.

SEM PALAVRAS

(para Nágila e Mário Barbosa)

Nem falamos de amor... mas, na verdade,
falar, pra quê, se nosso olhar, no breve
encontro que tivemos, fez-se leve
linguagem, plena de emotividade?...

Nem falamos de amor... contudo a neve,
que alva e ternamente nos invade,
fez-se poema auroral de liberdade,
verso lilás que a vida nos escreve.

Não sei, amor, ao certo, se é loucura
minha alma, frágil em sua arquitetura,
arder em chama tão descomunal.

Mas, se o amor é bem que não tem preço,
e, como ser humano, eu o mereço,
penetro-lhe, sem medo, a catedral.

DEUSES DO SONHO

(para Fany e Ednilo Soárez)

Não te demores, meu amado!
As nuvens não se apressam, mas
acabam desmanchadas pelo vento.
Apressa-te, pois, amor,
que amanhã já é inverno,
e o frio aportará em mim
com sua mão cheia de aljôfares.
E sua sombra — indomável vaga -
percorrerá minhas carnes... E eu morro,
eu morro descolorida,
em minha letárgica melancolia,
em minha homérica desesperança.

Vem!
e canta ao meu coração cantigas de ninar.
Conta-me histórias de príncipes e princesas
que eu vestirei a mais fina opala
só para encantar-te no meu sono de bela
adormecida.

E fica! fica!
Que a noite é um corcel de espelhos
a galopar pelos andaimes da aurora
e nós dois no seu dorso, estandartes coleando,
seremos deuses do sonho
que os homens tolos da terra
vivem doidamente a imitar.

CÂNTICO OUTONAL

(para Maria Amélia e seu inesquecível George Barros Leal)

E não será o exílio deste outono
que cerceará as nossas esperanças...
Nosso florir de sonhos reverdece,
enchendo-nos de frutos os pomares.

E todas as primícias desses frutos
transbordarão celeiros e fazendas,
rebentarão as margens e paragens
e haverá fartura em nossa mesa.

Então, amado, eu sei, ao meu jardim
tu descerás, envolto em mil aromas,
e, em aromas, serei tua princesa.

E aí, nesse canteiro, ó meu amado,
seremos um para o outro, tão-somente,
apascentados por um grande amor.

CANÇÃO QUASE TUA

(para Maristela Benevides)

Por estes lados vagueia
uma canção sem memória,
que canta dentro de mim
como pássaro num ninho!
de plumagem tão branquinha!

O meu lábio se umedece
das notas. E, feito prece,
quer cantar... e quer voar...
levar além a canção
e pautá-la em tua mão.

Esta canção vai comigo;
ela é minha identidade,
por onde eu for, meu amigo,
a buscar felicidade.

Iremos juntas — arco-íris;
eu azul, ela lilás;
as outras cores... quem sabe...
restarão em tom dourado
de fantásticas estrelas
coloridas de saudade.

A canção quero ensinar-te,
tangedor da minha vida,
antes que adormeça a Arte
e perdue inacabada
nossa canção mais querida.

O ENCONTRO

(para Noélia e Humberto Oriá)

Naquela noite, havia luz na Casa,
E, pelos ares, um odor de encanto,
enquanto as letras murmuravam sábias
entretecendo ali cada recanto.

E a minha ansiosa alma, feito asa,
pousava e vojava, quando em quando,
talvez já prenunciando, como em brasa,
uma paixão no peito me queimando.

Os rostos conhecidos me sorriam;
cabeças me acenavam gentilmente;
eu via olhos que nada me diziam.

Mas... eis que, de repente, em turbilhão,
nossos olhos se encontram, finalmente,
e os dois pulsamos num só coração.

GAIVOTA

(para Mírian Carlos)

Teu vulto
na noite
desenha sombras
e arabescos
de saudade.

Teu vulto
na noite
desperta o uivar
de um lobo faminto
de desejos.

Teu vulto
na noite
acende chamas
e borda reflexos
em meus espelhos.

Teu vulto
na noite
arde na pupila
do meu tempo
em rocio constante
de mar
e de gaivota.

MENSAGEM

(para Cybele e seu inesquecível Osmundo Pontes)

Quero palavras... quero-as, amado,
para reconstruir-me o coração,
para alfabetizar minha esperança,
para ensinar-lhe a soletrar Amor.

Quero palavras... quero-as, simplesmente,
feito o luar a derramar mil sonhos
em fios prateados sobre as praças,
onde a retreta torna a noite lírica.

Quero palavras... elas são a arma
com que disparo minhas emoções
e sinto o teu calor em minha pele.

Quero palavras... ei-las, meu amado,
com estas três enfrento batalhões
e sofro mil pressões... pois **eu te amo!**

LIÇÕES DE SOLIDÃO
MOTIVOS

*Com teu rosto,
Tua alma sorrindo,
Tua música enevescendo meus tempos,
Teus olhos clareando vielas
E obscuros sentimentos,
A vida vale.*
Sérgio Macedo

Para

*Aída Coelho
Cláudia Queiroz
Eunice Benevides
Inez Figueredo
Lúcia Lustosa
Lourdinha Leite Barbosa
Nêda Gonçalves
Núbia Nogueira
Regina Fiúza
Socorro Torquato
Suzana Ribeiro
Sylvia Diogo
Teriy Araújo*

MOTIVOS

I

Ah, quem me dera, poeta,
poder as tuas mãos encher de estrelas...
Ririam de mim, eu sei. Entanto,
grávida de sonho e bêbada de encanto,
iria ainda te acender auroras
onde pudesses ensaiar teu canto...

Mas...
(sempre há um mas suspenso em nossos lábios)
as estrelas apressam-se em preparar auroras...
então, como roubá-las, sem que enviúve a noite
e esvazie a taça do luar?!
Dirás, por certo: “Tresloucada amiga,
o céu está tão alto, e é tão escura a noite!...”

II

O olor de sândalos evoca-me tua branca voz...
E o macio farfalhar do vento, que vem de ti,
roça-me a melodia da pele.
Girândolas de luz acendem-se em asas,
íris para os meus olhos, múrmura foz,
onde derramas o lento alvoroço de tuas águas.

Mas...
(eis o mas de novo em nossos lábios!)
tuas águas celebram outros mares,
insensível memória;
celebram conchas de inusitado aroma.
E, lento, rio de mim mesma,
doo meu leito às correntezas que, a esmo,
o limo de minha história gravam — e só!

III

A vida é um barco de espantos... e sei
que nos damos a ele, muitas vezes, lépidos, fagueiros,
rios que somos de nós mesmos.
Gemendo tempestades, ensaiamos nossas memórias
imortalizando-nos no limo de nossas várzeas
ou a esperar o cio do luar.

Mas...
(como o mas é inevitável!)
ardemos em ventos de paixão e, eufóricos,
cantamos etéreas canções azuis
no cais de nossas ilhas emersas
do infinito mar por onde escorre o barco,
que nos levará ao porto da solidão.

IV

Poeta, gosto do teu verso!
Espelho de tua alma, ele é tua aventura,
lírico reflexo dos murmúrios que vêm de tua voz.
Gosto da melodia sensual que deles se desprende,
ímã de sensibilidade do poeta
ora timidamente criança,
ora amante afoito em seu ofício.

Mas, sabes, poeta? Vejo em teu verso
um Prometeu acorrentado
buscando um amor que vive a lhe escapar...
E sabes que esta é a sina do poeta!
do nada, simplesmente, sentir que tem o tudo
ou, tendo o tudo, sentir que não tem nada!

V

Existe uma lágrima disfarçada em teu olhar,
e sei que nela está o tédio que carrega
rorejante qual o orvalho do luar.
Nela guardas o hálito frio da tarde,
inesperada angústia de vir a seres noite,
ou a tímida esperança de seres manhã.

Mesmo assim, a música que ela ensaia
derrama-se alvissareira por teus tímpanos
carne, alma, sangue, vida,
e te faz poeta, andarilho, um Dom Quixote
domando os sonhos,
dormindo em suas pálpebras
onde, afinal, constróis os teus moinhos.

VI

Sobre o texto da vida...
quem saberá entendê-lo?
Em quais metáforas decifraremos
nossas dúvidas ruminantes,
se nós mesmos somos metáforas indecifráveis,
geratrizes de vontades órfãs?
Imensos de espanto são o rio em que navegamos
e o tempo que nos rouba a eternidade.

Porém, navegar é preciso...
diz o poeta lusitano,
mesmo sabendo que, cedo ou tarde,
nossas dúvidas nos consumirão
e que seremos pó da vida, pó de nossas ilusões.
Da letra do que fomos talvez nem reste
o símbolo inscrito sobre a pedra.

VII

Sonhos... quem não os tem lá no escaninho do coração?!
Quem nunca empreendeu batalhas em seu nome?!
Rumino o meu sonho qual animal no pasto em tarde fria,
gemendo na longa espera, gemendo,
mas indo adiante, sempre em nome desse sonho,
oásis no deserto de mim mesma.

Sonhos... colho-os nas rosas deste tempo
ante o severo olhar dos seus espinhos.
Colhidas, vejo-as depois aos meus pés desfeitas...
Penso, então, na solidão da haste em sua viuvez,
despida da beleza que tivera antes.
Oh, meu Deus, será que sonho é isso?!

VIII

Sorrio... Solto minha voz nesta babilônia atônita.
Vou pelas escarpas como quem pisa flores.
Radiante, me queima a pele o sol da Poesia.
Caem-me grinaldas sobre a cansada fronte,
inúteis grinaldas sem vitórias,
ópio de um sonho inatingível.

Múrmuras fontes lavam-me a fronte ensandecida...
O ardente desejo de amanhecer-me aurora
cresce, expande-se, alastra-se em vigílias,
enquanto só a melancolia amanhece em minhas pálpebras.
E do sorriso ficou apenas um entreabrir de lábios,
e neles, suspensa, a canção que eu quis cantar.

IX

Despertam silêncios no plenilúnio de minha noite.
Ele me cobre com o pálio de sua luz
inscrevendo rituais em minhas mãos vazias.
Gritos de sereia afogada em seu desencanto
içam-me os sentidos,
e o florescer nos ramos lembra-me
o verde mar de esperas a gemer nas tuas pupilas.

Matar esta ilusão, oh, não! Oh, não!
Por Deus, afastar de mim a valsa de Chopin,
canção que trago em meu exílio? — NÃO!
Eu quero esta ilusão, este estribilho
de gritos não ouvidos, mas sentidos,
órfãos de minha alegria interdita.

X

Despertas... a manhã veste sua túnica de luz
e, branca, alcança tua mão de esteta.
Radiosa, põe em tuas pupilas um canto e te seduz.
Grávida de teu verso, ela me enciúma,
indo dormir teu sono, indo sonhar teu sonho
aconchegada à Poesia que vem de ti.

Ó nívea manhã, não sejas fria assim!
Ah! tem dó de minha angústia, deste tédio!
Com tua luz traze-me, de vez em quando,
em tua corola de asas e de esperança,
uma só centelha dessa doce Poesia
ou murmúrios de amor, para eu sonhar!

XI

Só a Poesia me conforta...
Que fazes, então, aqui, minha amiga Solidão?
Queres rezar comigo o réquiem dos meus sonhos?
Gravar em minha pele o nome que esqueci?
Inicia, pois, teu ritual e vai embora
ou dize que te vais, mesmo que não te vás.

Em mim morreu o gesto que aprendi
amando e sendo amada. O instante
cravou em minha carne a fúria do silêncio.
E a estranha vontade de gritar teu nome
doeu em minha solidão e, qual navio à deriva,
o mar cuidou de sepultá-lo.
E só tenho a ti, minha Poesia!

XII

Sou como o andarilho...
E vasto é o meu caminhar
por terras replantadas de espinhos e de urzes.
Gumes de espadas golpeiam-me os sonhos
imersos nas distâncias entre nossos sóis,
Orfeu que és, Eurídice que não sou.

Mostra-me, ao menos, poeta, onde dorme a esperança...
Dize-me: aonde vais que não deixas pegadas?
Amanhã, partirei de novo rumo ao teu porto
e, ante teu êxtase, genuflexa, sem ser mais eu,
deixo-me para além de mim, porque
o meu destino é caminhar teus próprios passos.

XIII

Saboreio teus versos, salpicados de dúvidas e anseios...
Sob a luz das metáforas,
descubro tua alma em plena nudez.
Rio — és — que corre à solta em busca de outras águas
gêmeas das tuas: de alvoreçada limpidez.
Ir para onde? — indagas —
se há taperas na estrada onde dormir?

Mas é preciso ir, Poeta,
ir até a transcendência de nós mesmos,
com nossas mãos vazias (ou plenas de angústias).
Estradas não nos faltarão
E, por invisíveis degraus, qual Sísifo,
Carregaremos às costas
o ideal das efêmeras vitórias humanas.

XIV

Ó musas, vós que comandais os mistérios
e todos os ritos do universo,
vinde reger este concerto desafinado de angústias
geradoras de versos que não dizem nada,
inânimes que estão no casulo da minha alma,
Olimpo de um deus que já não mais existe!

Miragens apenas incendeiam minha alma...
E clamo por quê, não sei,
se a hora que quero
e pela qual eu vivo nunca acontece,
desejo inexato que se apagou e, agora, vive
o tempo tedioso das esperas.

XV

Meu Deus, somos a chama ou o sopro?
O verso ou o inverso da distância?
Real ou irreal pensamento não pensado?
Gruta ou apenas a pedra informe?
Ídolo ou irreverente iconoclasta?
O drama ou a personagem sem papel?

Oh, Deus! para que decifrar tantos enigmas,
dúvidas ancestrais e indefiníveis
com que lidam sábios e filósofos
nos seus tratados metafísicos?
De mim... apenas sei que sou
o verso do inverso que não fui.

XVI

Sinto-me renascer, se te contemplo,
ó poeta, mesmo quando finges
esse pasmo indefinível suspenso em tua fronte
— espelho que te mostra a lágrima
geratriz de incansáveis solidões.
Inútil o gesto, inútil o grito e a tristeza de Narciso:
o espelho não reflete nada senão a lágrima.

A face te revela o que não queres decifrar:
a inexorável corrida do tempo à espera de ninguém.
Lembra-te, no entanto, poeta,
de que há cânticos celebrando a passagem dos sóis
e o lento alvoreço das auroras
despencadas das paredes onde as puseste
ou o sono dos ocasos dormindo em teus lençóis.

XVII

Somos feitos de palavras... disse um poeta.¹
E reinventar a vida é nosso ofício.
Da própria sorte rir, seguir em frente,
fazer girar a grande roda que é a vida,
Imitar a noite, na alegria de vir a ser manhã
ou trescalar de estrelas o chão por onde vamos.

Mesmo à beira dos pântanos,
manter a chama da palavra acesa,
escandalosamente acesa, para espantar a solidão;
cobri-la com a neblina do nosso pensamento;
erguê-la além de nós, além do roteiro não traçado;
dar a ela o caminho inexorável dos que amam,
dos que são capazes de entender estrelas.

¹ A afirmação é do poeta Linhares Filho.

XVIII

Sobre os nossos ombros recai a dor do mundo...
E, perplexos, solitários poetas,
absorvemo-la ridentes.
Ela crava em nossa carne seus tentáculos
ganindo como cães abandonados.
Inquietos, tentamos mascarar-la e vamos subindo
os degraus do tempo que pensamos ter.

Caminhamos mudos a beber o vinho amargo,
a taça espumante.
O brinde (que não chega)
continua suspenso em nossas mãos,
erguido em nome de um amor, que não vem.
Dores... oh, bendita a dor de amor por que
o poeta chora e ri e canta e vive a espalhar seus versos.

XIX

Resta-me apenas esta espera...
E esta infinda noite que não quer amanhecer!
Ruirá o castelo de areia onde escondo, a sete chaves,
girassóis sob a janela da infância?
Poeta, não sou imune às angústias e ao medo da vida.
Oh... e este desespero de pássaro sem pouso!

Vejo apenas miragens desenharem-se em meu céu.
E vejo-me ainda a sangrar qual uma rosa
colhida por mãos vandálicas.
Entanto restou o perfume nos ventos sobre o roseiral ...
Minha alma desprende-se e, pétala olorosa,
aqui está, em versos, a doar-se.

XX

Foram por ti e são para ti estes motivos.
Ei-los feito Poesia, vento, barco, rio,
a rumorejar em tuas águas espumantes de metáforas,
guiadas pelos ventos aurorais de tua alma.
Indevido gesto? Louco flutuar do pensamento?
O que for... terá sido magia, empatia de poetas.

Ou apenas motivos para celebrar a Poesia,
tua alma de poeta, perdida em mar de sargaços,
a colecionar auroras, para espantar os medos
e esmagar a saudade dos luars perdidos.
Oh, divino Poeta, perdoa-me a ousadia,
o ímpeto indomado destes Motivos!

LIÇÕES DE ROSAS E DE ESTRELAS

*Quando eu passar no espaço e ficar no tempo
outros homens andarão
pelos mesmos caminhos que percorri,
pensando o que pensei,
amando o que amei,
sufrendo o que sofri...*

*Mas nenhum tirará
da pauta musical da existência
a mesma nota do ritmo essencial
que eu faço destacar-se, nítida e pura,
dentro do pandemônio universal!*
(Ritmo Essencial — Filgueiras Lima)

Para

Meus filhos

Rosa Virgínia

Ana Paula

Jorge

Meus netos

Ricafaela

Jcyce

Jorge Filho

Meu genro

Ricardo

Minha nora

Cibelle

Todos eles asas que me impulsionam
o voo na busca do sonho.

POESIA E CANTO

(para Rosa Virgínia)

Tua alma, filha amada, é tão sensível...
É como o chão de um roseiral fecundo,
onde renascem, pelas madrugadas,
rosas olentes pra enfeitar o mundo!

É poesia e canto o teu sorriso;
espelho, o teu olhar — calmo e profundo —,
e, tal um mar sereno, então, dormita
ao envolvente som, do amor, oriundo.

És lírica e romântica menina,
que adora o mar, o sol, canções de amor,
noites de estrelas e a lua divina...

E, nesse teu mister de sonhos lindos,
dormitas, rosa, de olorosas pétalas,
num roseiral de cor e aroma infindos!

AVE E VOO

(para Ana Paula)

Admiro e exalto tuas qualidades,
pois lira que tu és, cordas suaves,
tu sabes enfrentar adversidades
com a altivez intrépida das aves,

que, no seu voo célere, risonho,
transpondo vão os cimos altaneiros.
Assim, também, tu vais buscando o sonho,
por sobre vales e despenhadeiros.

E, sendo ave, lira, suavidade,
a quem precisa da tua bondade
dá-lhes amor com todos os primores.

Porque tu tens da lira a faculdade
de extasiar-nos a alma e, na verdade,
o fado de extinguir as nossas dores.

CIÊNCIA E AMOR

(para Jorge Medeiros)

Vejo brilhar, meu filho, e altaneira,
a chama do otimismo que há em ti,
esse otimismo que é tua bandeira
de altruísmo que, ao nasceres, percebi.

Cresceste. O tempo, em seu passar silente,
foi modelando o homem que hoje és,
e Deus forjou, feliz, em tua mente,
inteligência e a força das marés.

Assim, às dores do sofrer humano,
danosas como as vagas no oceano,
emprestas teu saber para contê-las.

Porque tu sabes nada há que suplante
salvar a vida a um seu semelhante,
depois ver Deus luzindo nas estrelas.

POEMA-CRISTAL

(para Rafaela, nos seus 15 anos)

Alvo sorriso brota ternamente
de tua boca, espuma de cristal,
qual fosse flor que se abre, docemente,
na beleza incomum de um roseiral.

Teu riso é mimo, é pão... Que me alimente
essa alegria terna e angelical
que vem de teu sorriso, intensamente,
como um feixe de luz, poema-cristal!

Ah, menina, quão bela é essa fase!
Urge vivê-la... oh... linda criança,
e que essa luz azul sempre te abrase!

É um arco-íris esse teu sorriso,
e, em nossa vida, é eterna aliança,
abrindo-se, fractal, num paraíso!

VERDES ESTRELAS

(para Joyce, em seu 12º aniversário)

Por toda a minha vida, eu hei de amar
esses teus olhos meigos de criança,
pois para mim é sempre o teu olhar
o cofre inviolável da esperança.

Teus olhos são, criança, o meu sonhar,
o porto para o qual meu barco avança,
em célere corrida, a navegar
por sobre a água azul tépida e mansa...

Teus olhos, ó criança, têm o lume
de estrelas sobre as noites buliçosas;
dos bogaris, o angelical perfume.

Enfim, teus olhos são como esmeraldas,
sequestram nosso olhar qual fossem rosas
umedecidas pelas alvoradas!

DOÇURA

(para Jorge Filho, em seu nascimento)

Quanta doçura vi na tua face
no instante em que chegavas para a vida!
Foi como se uma flor desabrochasse
no jardim outonal da minha lida.

Tua alminha infantil... ai, que não passe
nem se extinga esse olor, alma querida!
Quero sempre sorvê-lo, qual ficasse
no coração, untando-me a ferida.

Dá-me sempre, meu anjo, o teu sorriso
de lendas, de canções e de alegria,
para que eu tenha em ti meu paraíso.

E envolve-me na tua infância, assim,
que eu te acalantarei com a poesia
da criança que ainda vive em mim!

CANÇÃO DA BENQUERENÇA

(para todos os meus queridos amigos da ACL, ACLP, AFL, ALANE, AJEB, SAL, UBT e ABBi)

Trago hoje no riso a silhueta de uma canção
com notas de gestos e palavras em movimento.
E, junto a ela, a combustão festiva das horas,
em seu tropel de lembranças e de luz.

Trago hoje no riso o aljôfar buliçoso dos caminhos,
e um luar amorenado pelo tempo.
E, junto a eles, o cheiro esperançoso das campinas,
onde deitei folguedos de criança.

Trago hoje no riso a lepidez de asas em burburinho
a voejar por sobre os ombros ruivos das auroras.
E, junto a elas, a pureza das pérolas,
em sua esperada canção de liberdade.

Trago hoje no riso a virgindade das manhãs
amanhecendo púberes nos braços do dia,
que, paciente, fia seu colar de esperas.

Por isso, agora, esta canção grávida de benquerença.
Por isso, agora, este rio de caudalosa gratidão.
Por isso, agora, amigos, estes acordes de poesia
que provêm do azul de vossa amizade.

Por isso, agora, amigos, vos entoo
este alvissareiro canto de alegria!